

APURINÃ

Povo do Awiry

Semana dos Povos Indígenas 2014
13 a 19 de abril

ISAEC/DAI – COMIN – Instituição Sinodal de Assistência, Educação e Cultura / Departamento de Assuntos Indígenas – Conselho de Missão entre Povos Indígenas
IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil / Secretaria de Formação

APURINÃ

Povo do Awiry

Organização: Cledes Markus

Responsabilidade: ISAEC/DAI – COMIN

Autoria dos desenhos: Antonio José, João Batista Texeira Pereira Apurinã, Olávio da Silva Lourenço Apurinã, Antonio Ramos da Silva, Francisco Marcelino da Silva, Lindomar da Silva Apurinã, Jocimar de Souza Vicente Apurinã, Valdelizo da Silva Batista Rafael Apurinã, Davi Apurinã.

Autoria dos textos: Abdias Franco da Silva, Toty Otávio, Toty Filinto, Toty Camilo, Léia Carlos dos Santos, Meete Manoel Carlos da Silva, Wanderley Apurinã, Manoel Marques Souza, Wanderley Vieira de Souza.

Professores/as e outros/as colaboradores/as: Francisco Cardoso dos Santos, Lorival Francisco da Silva Apurinã, Valdemir Marcelino Bezerra da Silva, Daniel de Souza da Silva Apurinã, Pedro Lopes Soares, Luis Barreiro Muniz, Valdelizo Batista Rafael Apurinã, Jessineide Justino da Silva Apurinã, Isaías de Souza Sobreira Apurinã, Angela de Souza Inacio Apurinã, Maria Antonio da Silva, Regina Julião Lopes, Genival Julião dos Santos, Ismael Souza de Araujo Apurinã, Elias Ferreira dos Santos, Messias dos Santos Analberto Apurinã, Ismael de Souza Sobreiro Apurinã, Francisco Marcelino da Silva Apurinã, Nivaldo Carlos da Silva Apurinã, Elias Batista da Silva, João Batista Texeira Pereira Apurinã, Augusto Neto Meneira Apurinã, Janaina Araujo de Oliveira, Jocimar de Souza Vicente, Manoel Souza de Araujo Apurinã, Vanderley Vieira de Souza, Francisco Gonçalves Lima, Neuton Gonçalves de Lima, Nelson dos Santos Gonçalves, José Gonçalves da Silva, Francisca Gonçalves da Silva, Talcir Vieira de Souza, Francisco Brabosa da Silva, Edilson Barros Freitas, Maria de Nazaré Pereira da Silva, Joselinda Vieira Silva, Maria José Fernandes, Artenio Pereira, Geraldo Marques de Oliveira.

Comunidades envolvidas: Terra Indígena (TI) Peneri/Tacaquiri, Comunidade Nova Vista, TI Água Preta/Inari, Comunidade Mipiri e Vera Cruz – município de Pauini/AM e TI Kamikuã, Comunidade Kamikuã – município de Boca do Acre/AM.

Elaboração didático-pedagógica: Sônia Mees, Valdemar Schultz, Ana Patrícia Chaves Ferreira, Renate Gierus, Lori Altmann, Maria Dirlane Witt, Ires Lausmann, Maria Eunice Jardim Schuch, Cledes Markus.

Revisão: Erny Mugge

Diagramação, capa e cartaz: Allegra Comunicação

Fotografias: Arquivo do COMIN

Impressão: Impressos Portão

Realização: COMIN em parceria com Secretaria de Formação da IECLB

Apoio: Igreja Evangélica Luterana da Baviera (ELKB), Kirchen Helfen Kirchen/Pão para o Mundo e Evangelisches Missionswerk, da Alemanha e Kerkinactie, da Holanda

Tiragem: 40 mil exemplares

ISBN 978-85-7843-373-4

Editora Oikos Ltda. – Rua Paraná, 240 – B. Scharlau – Cx. P. 1081 – 93121-970 São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848 / contato@oikoseditora.com.br / www.oikoseditora.com.br



Amiga e amigo!

O caderno da Semana dos Povos Indígenas de 2014, com o título **Apurinã: Povo do Awiry**, tem como tema a cultura, a história e a luta desse povo, que vive nos estados do Amazonas, Acre e Rondônia.

Um dos aspectos significativos da cultura Apurinã é sua forte relação com *Tsura*, Deus Criador de todas as coisas, da terra, do rio, da floresta e dos povos. *Tsura* deixou a mata e o rio para morada e sustento do povo Apurinã. Deixou também o *awiry*, uma planta medicinal utilizada na cura. Essa planta é tão importante, que são conhecidos como Povo do Awiry.

Outro bem precioso dos Apurinã é a sua língua. Ela guarda a forma de contar, dançar, sentir e viver a sua cultura. Por isso há um intenso processo de sua revitalização.

O modo de ser e viver dos Apurinã leva-nos à reflexão. Sua sabedoria é fonte de aprendizagem para toda a sociedade nacional. Este material convida-nos para ampliar o conhecimento sobre este povo e sobre a realidade brasileira caracterizada pela pluralidade étnica e cultural.

A primeira parte do caderno é elaborada para crianças. A segunda volta-se para o público juvenil, servindo também como fonte de informações para as pessoas que irão orientar as atividades. A terceira parte traz orientações de como trabalhar com o caderno e o cartaz. Os textos e os desenhos elaborados pelos Apurinã, bem como informações complementares, podem ser encontrados no site www.comin.org.br.

O povo Apurinã onde vive

O povo Apurinã, que se autodenomina de *Pupŷkary*, vive em terras indígenas nos estados do Acre, Amazonas e Rondônia.

No Amazonas, suas terras estão localizadas ao longo do rio Purus e seus afluentes, na bacia do rio Madeira e no Alto Solimões. Assim, a maior parte de suas terras é banhada por grandes rios ou igarapés. Através deles o povo vai de um lugar para o outro com canoas a remo ou motor, dependendo da distância que necessitam andar.

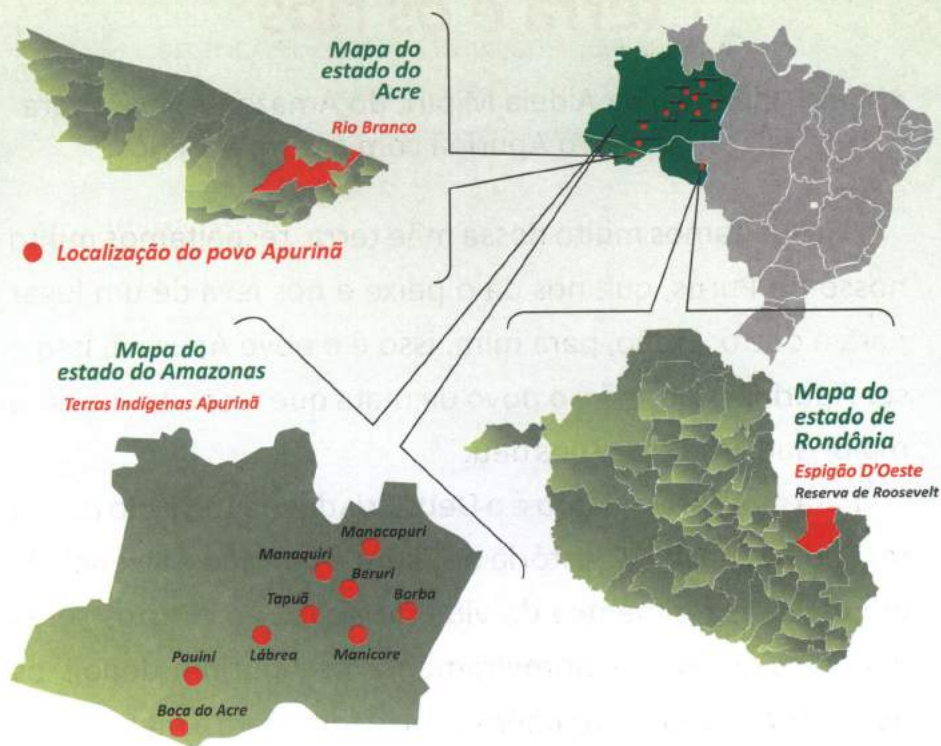
No Acre, muitos Apurinã vivem em bairros na cidade de Rio Branco.

Em Rondônia, vivem na Terra Indígena Roosevelt, Aldeia de Mawanat, no município de Espigão d'Oeste.



TI Kamikuã, comunidade Kamikuã

Veja nos mapas a localização das Terras Indígenas Apurinã



Terras Indígenas Apurinã no Amazonas

Pauini:

- T.I. Água Preta/Inari
- T.I. Catipari/Mamoria
- T.I. Tumiã
- T.I. Seruini/Mariênê
- T.I. Peneri/Tacaquiri
- T.I. Alto Sepatini
- T.I. Guajahã
- T.I. Baixo Seruini/Baixo Tumiã

Boca do Acre:

- T.I. BR 317
- T.I. Boca do Acre
- T.I. Camicuã

Lábrea:

- T.I. Lago Paumari Marahã
- T.I. Apurinã do Igarapé Mucum
- T.I. Acimã
- T.I. Catitu
- T.I. São Pedro do Sepatini

Tapauá:

- T.I. Paumari do Lago Tunia
- T.I. Paumari do Lago Manissuã
- T.I. Apurinã do Igarapé S. João
- T.I. Apurinã do Igarapé Taumirim
- T.I. Paumari do Cuniuá

Beruri:

- T.I. Jatuarana

Borda:

- T.I. Lago Barrigudo
- T.I. Igarapé Paiol

Manauquiri:

- T.I. Itixi Mitari

Manacapuru:

- T.I. Fortaleza do Pauá

Manicoré:

- T.I. Torá

A relação com a terra e os rios

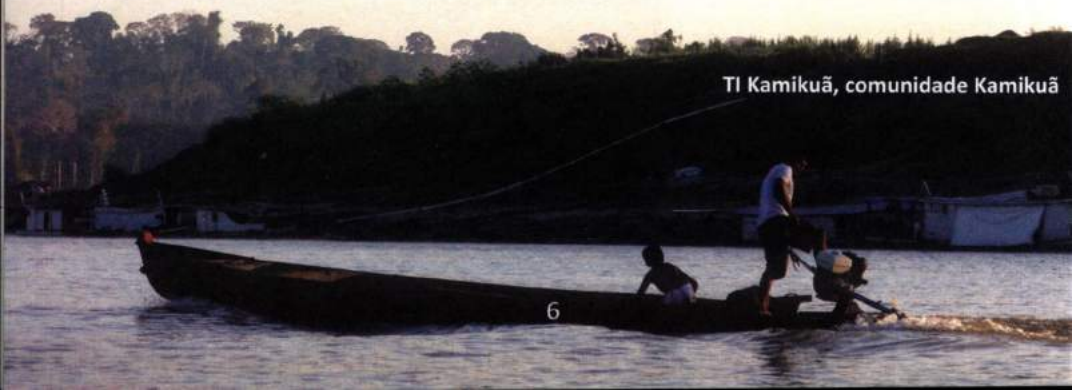
Abdias, liderança da Aldeia Mipiri, do Amazonas, fala sobre a relação do povo Apurinã com a terra e os rios:

“Respeitamos muito nossa mãe terra, respeitamos muito nosso rio Purus, que nos dá o peixe e nos leva de um lugar para o outro. Então, para mim, isso é o povo Apurinã, isso é ser Apurinã. Apurinã é o povo da mata que respeita sua casa maior que *Atha Tsura* nos deu.”

Para os Apurinã, *Tsura* é o Deus Criador da terra, do rio, da mata e dos povos. A história de *Tsura* é narrada e vivenciada em diversos momentos da vida do povo. Ao criar os seres humanos, *Tsura* fez primeiramente os Apurinã, depois os demais povos. *Tsura* também criou a terra com a mata e o rio para ser a casa e o sustento do povo Apurinã.

No passado, o povo Apurinã mudava-se de um lugar para outro e vivia dos recursos da floresta. Com a chegada dos não indígenas, seus costumes mudaram bastante.

TI Kamikuã, comunidade Kamikuã



Toty Camilo, da Aldeia Vera Cruz, do Amazonas, conta: “Nós, Apurinã, gostamos muito de andar. Na época dos meus pais, nós andávamos de ponta a ponta pelo rio Purus. Passávamos meses andando, fazíamos um roçado ali, depois íamos para outro lugar. Agora não. Nós temos que ficar aqui, nessa terra parados, porque as outras terras têm dono”.

Toty Camilo diz que, apesar da mudança de muitos costumes em algumas aldeias, eles são Apurinã. Ele gosta de ser chamado de *Pupÿkary*, porque quem fez assim foi o *Tsura*.

TI Kamikua, comunidade Kamikua



Toty são as pessoas importantes do povo Apurinã. Elas são tratadas com muito respeito. Conhecem tudo sobre o céu, a terra, a mata e as águas. Elas são as que conhecem a língua Apurinã na forma falada.



Toty Camilo da TI Água Preta/ Inaité, comunidade Vera Cruz

Atividade

Preencha a cruzadinha com as palavras destacadas e descubra na coluna indicada a palavra que completa o significado de *toty*.



A TERRA, NOSSA MORADA

“Nós continuamos guerreiros, pois ainda conseguimos falar nossa língua, lutamos pelas nossas terras e nossos direitos”, afirma o líder Abdias.

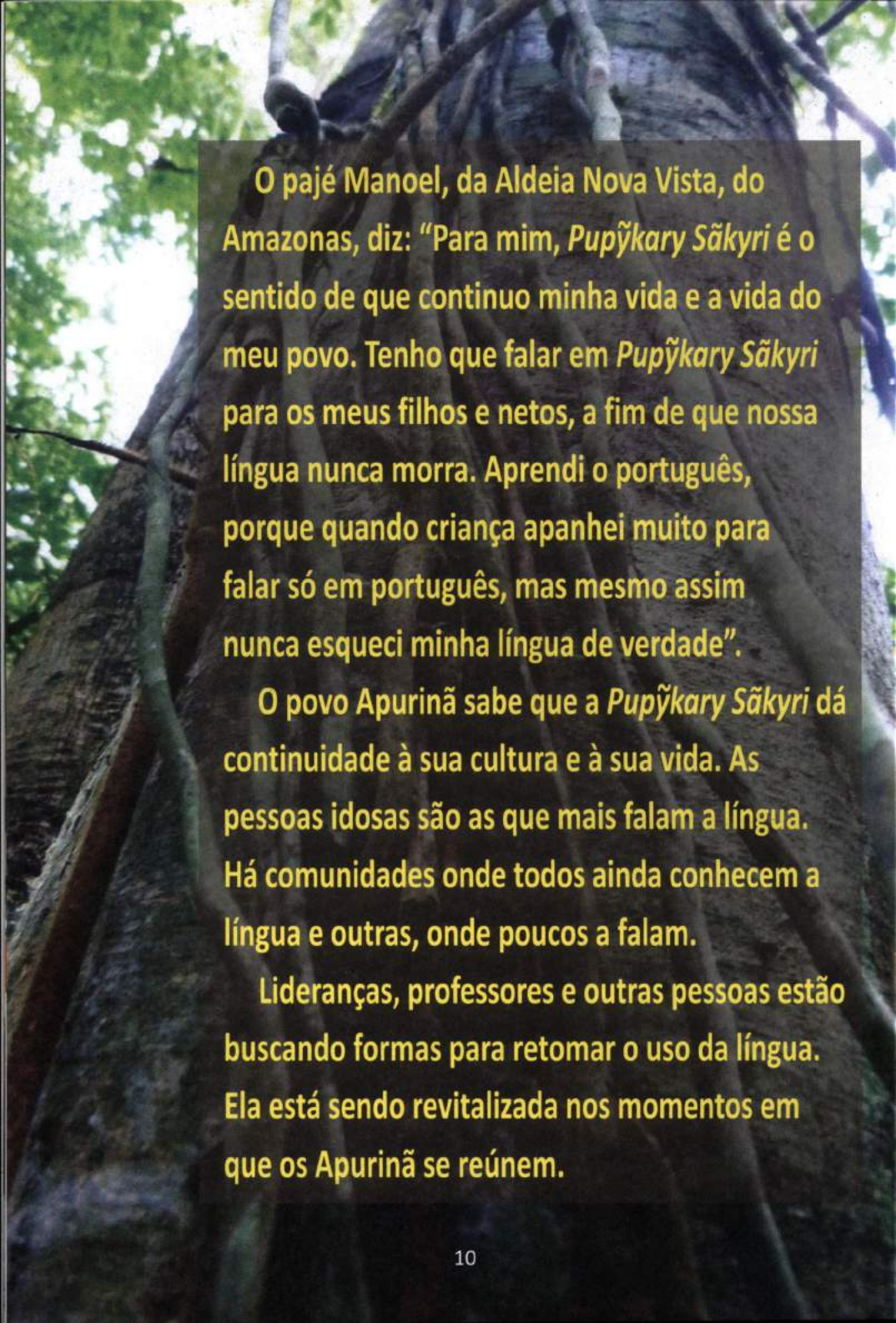
A terra é o bem mais sagrado e precioso do povo Apurinã, pois nela está a continuidade da vida. O povo afirma que segue um povo guerreiro, pois protege a sua mata da invasão de madeireiros, fazendeiros, caçadores e pescadores.

“Hoje em dia, o povo Apurinã vive basicamente nas suas aldeias, na mata, uns com suas terras demarcadas e outros não. Por isso tem que sair de sua aldeia, de sua terra, para pedir providência com a demarcação. Pois nós entendemos que a mata é a *Atha Aiko*, é a nossa morada, e é nela que temos que viver”, conta Abdias.

Atividade

Pinte as folhas e descubra o que significa ***Atha Aiko*** em Apurinã:





O pajé Manoel, da Aldeia Nova Vista, do Amazonas, diz: “Para mim, *Pupỹkary Sãkyri* é o sentido de que continuo minha vida e a vida do meu povo. Tenho que falar em *Pupỹkary Sãkyri* para os meus filhos e netos, a fim de que nossa língua nunca morra. Aprendi o português, porque quando criança apanhei muito para falar só em português, mas mesmo assim nunca esqueci minha língua de verdade”.

O povo Apurinã sabe que a *Pupỹkary Sãkyri* dá continuidade à sua cultura e à sua vida. As pessoas idosas são as que mais falam a língua. Há comunidades onde todos ainda conhecem a língua e outras, onde poucos a falam.

Lideranças, professores e outras pessoas estão buscando formas para retomar o uso da língua. Ela está sendo revitalizada nos momentos em que os Apurinã se reúnem.

ESCOLAS APURINÃ

Nas escolas Apurinã, os professores e as professoras são do próprio povo. Assim, para trabalhar com as crianças, eles devem aprender a sua língua materna. Onde professores e crianças só falam português, os dois estão sendo alfabetizados na língua Apurinã.

O professor Wanderley, da Terra Indígena Kamikuã, do Amazonas, comenta: “Eu não falo mais *Pupÿkary Sãkyri*, pois não aprendi e os meus pais também não me ensinaram a falar, mas estou aprendendo para poder ensinar aos meus alunos”.



TI Peneri/Taquakiri, comunidade Nova Vista

Os professores e as professoras contam que as crianças aprendem com facilidade. O que falta para melhorar o seu trabalho são materiais na língua Apurinã.

Atividade

Organize as sílabas que estão nas figuras iguais e descubra o significado de algumas palavras em Apurinã.

ãã ○○○

iaky □□

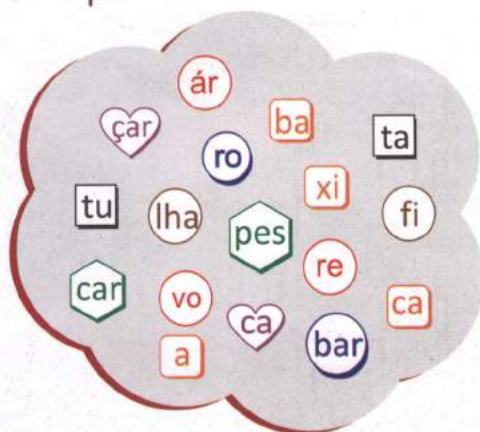
hãkape ○○

tsããta ○○○

rãkero ○○

tsaiky □□□□

uka ♥♥



O PAJÉ E AS CURAS

O pajé na língua Apurinã é chamado de mēēte. Uma de suas principais responsabilidades é a cura. A pessoa doente pode ser tratada em sua casa ou na comunidade. Na cura, o pajé utiliza ervas medicinais da floresta. Uma das principais plantas é o rapé, chamado *awiry*. Essa planta é tão importante, que o povo Apurinã é conhecido como o povo do *awiry*.

Crianças aprendem com a comunidade

As crianças Apurinã estão sempre perto de seus familiares. No contato com as pessoas adultas, elas aprendem a cultura de seu povo. Elas também aprendem na escola.

Os meninos acompanham seus pais, tios, irmãos mais velhos e avôs nos roçados, nas coletas de frutas como castanhas e piquiás, na pesca, na caça, nas casas de farinha, na colheita do feijão, da melancia e da macaxeira.

As meninas acompanham suas mães, tias, irmãs mais velhas e avós nos afazeres domésticos e também vão para os roçados, para a coleta de frutas, cuidam das crianças mais novas e acompanham as mulheres mais velhas no preparo da cerâmica.

As brincadeiras preferidas são banhos nos rios ou igarapés, caçar, pescar com lanças ou anzol, andar pelos caminhos estreitos dos roçados e subir em árvores.

As crianças gostam de participar das festas da comunidade, das cantorias e das danças com as pessoas velhas.

Atividade

Junte as letras
das marcas
dos pés que
estão na trilha e
descubra mais uma
brincadeira das
crianças Apurinã.



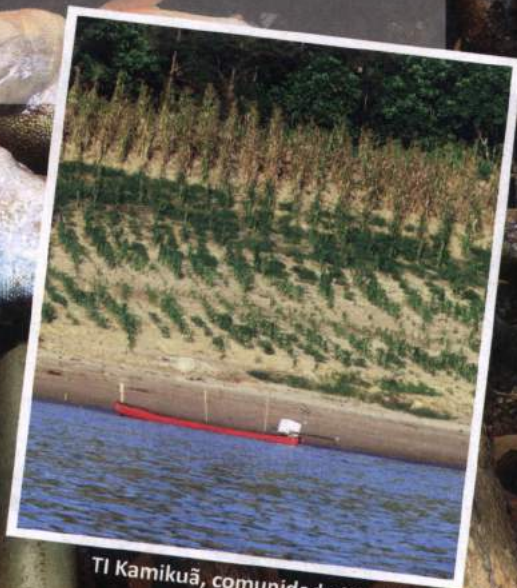
A natureza e os alimentos

A natureza mostra ao povo Apurinã quando é a melhor época para plantar, coletar, caçar e pescar. Só retiram da natureza o que é necessário para sua alimentação, para os remédios, para a construção de casas e confecção de objetos.

Na estação das chuvas, de novembro a março, os Apurinã realizam atividades de agricultura, plantam mandioca e coletam castanhas, tucumã, urucum e açaí. Também praticam a caça.

Na época da seca, de junho até agosto, plantam feijão, melancia e milho nas praias dos rios.

Nos terrenos mais altos plantam mandioca, mamão e banana. Nesse período, também caçam e pescam.



TI Kamikuã, comunidade Kamikuã

Atividade

No caça-palavras, encontre 12 nomes de alimentos dos Apurinã

E	G	B	A	R	O	T	H	M	E	L	A	N	C	I	A	M
J	I	M	E	T	U	C	U	M	Ã	P	U	A	V	S	N	O
U	A	T	I	H	C	A	Ç	A	E	O	M	T	E	A	T	C
R	F	R	O	L	N	S	E	N	I	S	A	L	P	S	N	A
U	I	M	E	A	H	E	A	R	Ç	H	N	X	E	A	I	S
C	A	I	H	X	P	O	A	U	F	P	D	U	I	P	E	T
U	T	B	A	N	A	N	A	E	X	L	I	P	X	U	C	A
M	U	R	A	U	R	L	E	R	Ç	N	O	L	E	S	A	N
H	S	M	E	Ç	F	O	A	S	I	M	C	S	Ç	E	N	H
B	F	O	G	L	A	O	Ã	B	Z	J	A	F	X	I	O	A
A	I	S	T	F	E	X	U	O	I	Ç	Z	C	A	S	T	F
S	U	M	A	Ç	R	H	I	N	A	F	E	I	J	Ã	O	M
I	R	T	E	M	A	M	Ã	O	L	A	Z	P	E	G	I	C

A CESTARIA

A cestaria é utilizada nas atividades domésticas e também para vender. Os cestos, *apyrita* em Apurinã, são feitos com cipós naturais de tiririca e ambé.



TI Kamikuã, comunidade Kamikuã

MITO DA CASTANHA



Tsura saiu pela terra dando nomes aos animais, plantas, rios, igarapés, montanhas e a tudo o que havia debaixo da terra. Trabalhou o dia inteiro. No final do dia, resolveu sentar à beira do igarapé para descansar. De repente, ouviu um barulhinho assim:

– Maky, maky, maky.

Ao olhar para o igarapé, viu que tinha uns peixinhos comendo as castanhas que caíam da castanheira.

Então *Tsura* disse:

– O nome dessa fruta será *maky*.

Por isso, na língua Apurinã, castanha significa *maky*.

Veja o mito da castanha na língua Apurinã

Tsura sype ya xity uwa takaperi nypokori ythupakery ytakari, weny sotoairã awakery yaxite iumaretawa. Otiatakikata ywatsa nytypãka sotowarĩã tekũã wai nysãpakako wai. ywa kemaperi renẽ tsanãta:

– Maky, maky, maky.

Ywa etamata sotowarĩã ãky ywa etamata ximaky sotoky nykanãta maky soro.

Ywa Tsura sãkyri:

– Yaruãka ya maky ywa.

Tsawa athe sãkyri maky.



A CERÂMICA

A cerâmica sempre foi feita pelas mulheres. Fazer vasos, potes, pratos e outros objetos de argila é uma atividade muito antiga do povo. *Katxary* em Apurinã significa argila/barro.

Léia Apurinã explica como é feita a cerâmica:

“A cerâmica Apurinã até hoje é feita da forma tradicional. Primeiro, retiramos o barro da beira do igarapé e dele, os restos de vegetais, como talos de raiz e folhas. Em seguida, amassamos o barro e o deixamos descansar.

Queimamos a casca de uma árvore chamada *karipé*. Pegamos as cinzas e misturamos ao barro. A cinza de *karipé* é uma espécie de cimento para o barro. Em seguida, modelamos o barro, fazendo panelas, pratos, potes, copos e outros utensílios.

Depois de modelado, o material descansa três a quatro dias para secar. Então raspamos as peças com uma colher ou concha de aruá (um tipo de caracol do rio) para tirar as imperfeições.



TI Kamikuã, comunidade Kamikuã

Em seguida, sapecamos (damos uma rápida queimada) as cerâmicas no fogo. Deixamos esfriar. Enquanto está esfriando, acendemos um fogo maior para então queimar as cerâmicas durante 30 a 40 minutos.

Deixamos as cerâmicas esfriarem e, em seguida, já estão prontas para uso”.

Das mãos de Léia e outras mulheres Apurinã surgem peças de cerâmica de diversos tipos. Cada peça carrega um pouco do jeito de ser Apurinã, pois, quando elas são criadas, muitas histórias são contadas e lembradas e, assim, a cultura do povo se mantém viva.



TI Kamikuã, comunidade Kamikuã

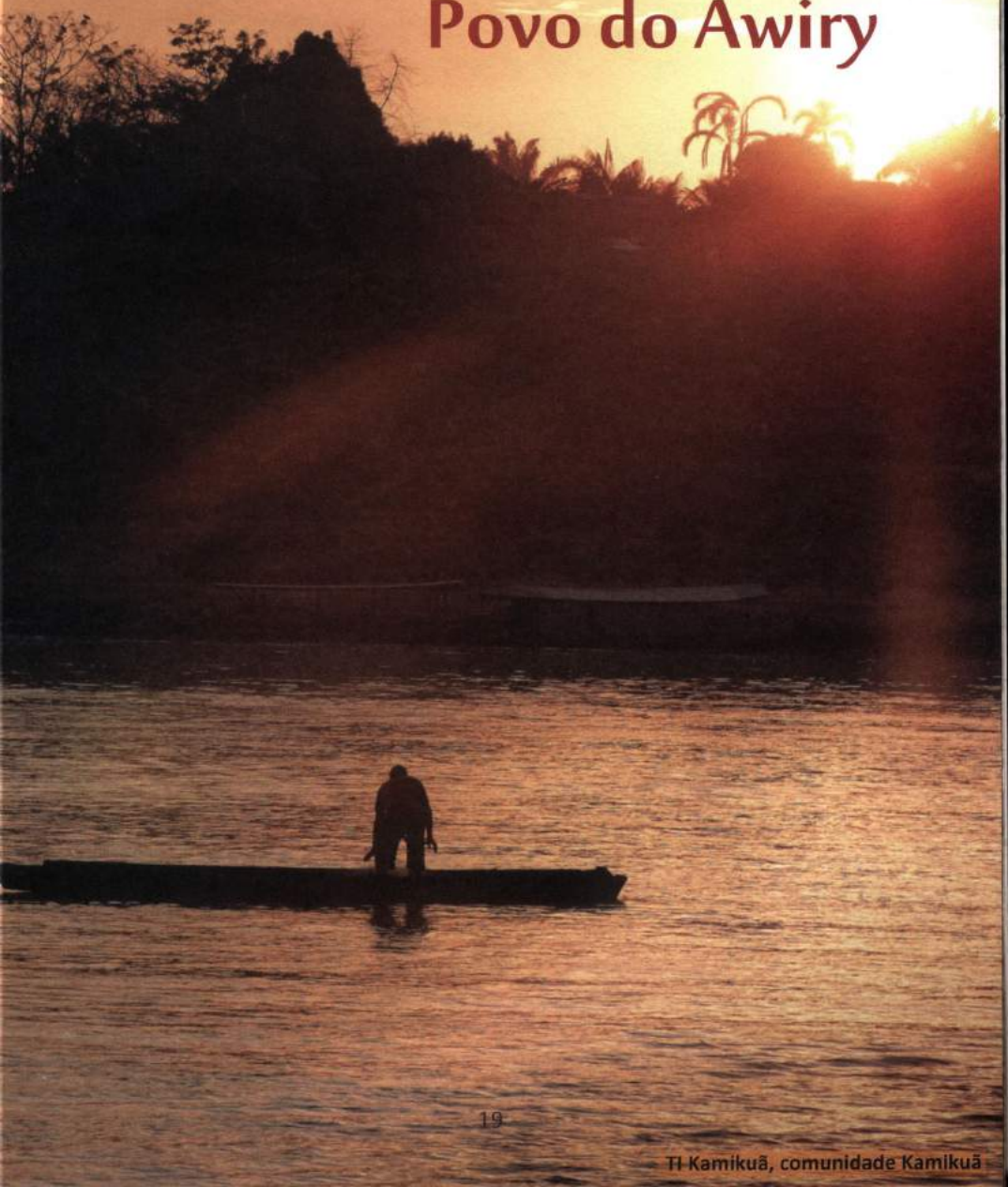


TI Kamikuã, comunidade Kamikuã



APURINÃ

Povo do Awiry



Imagine...

... um povo livre para caminhar pela floresta sem limite de fronteiras, navegar nos rios, caçar e pescar, coletar os frutos da mata de seu território.

... um povo com famílias numerosas e grandes roçados, que garantem a farta subsistência.

... mães e pais felizes em ver as crianças aprender a língua de seu povo.

... pessoas vivendo um tempo marcado pelos ciclos das cheias e vazantes, acompanhando a dinâmica da natureza.

... o que precisam saber para a vida, as crianças aprendem na companhia de pessoas adultas em seus afazeres e tarefas.

Mas imagine que um dia...

... esse povo seja forçado a tornar-se seringueiro ou ribeirinho.

... passe a sofrer toda sorte de massacres e até mesmo a escravização.

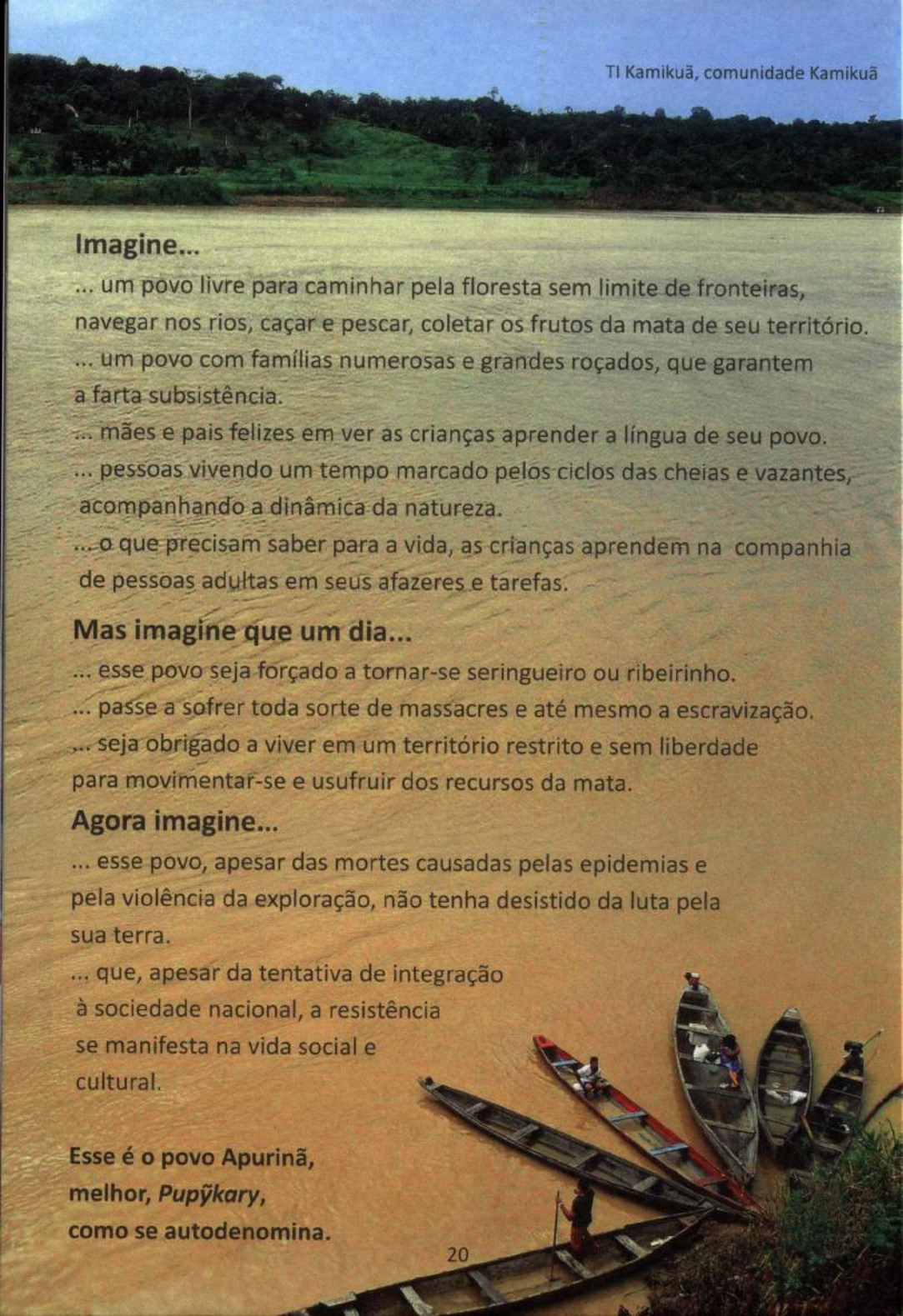
... seja obrigado a viver em um território restrito e sem liberdade para movimentar-se e usufruir dos recursos da mata.

Agora imagine...

... esse povo, apesar das mortes causadas pelas epidemias e pela violência da exploração, não tenha desistido da luta pela sua terra.

... que, apesar da tentativa de integração à sociedade nacional, a resistência se manifesta na vida social e cultural.

Esse é o povo Apurinã,
melhor, *Pupỹkary*,
como se autodenomina.



Ocupação e resistência dos Apurinã

O povo Apurinã tradicionalmente habitava a região do médio rio Purus, mas, devido ao processo de migração, veio a ocupar o baixo rio Purus, no sudoeste do estado do Amazonas e nos estados de Acre e Rondônia.

Na primeira metade do século XIX, os Apurinã tiveram um primeiro contato com os espanhóis. Nesse mesmo período, um português, Manoel Urbano da Encarnação, que já andava pelo Purus na extração de plantas medicinais, conhecidas como “drogas do sertão”, estabeleceu-se na região, iniciando contato com algumas aldeias.

Entre 1870 e 1880, a região do Purus já estava toda povoada por não indígenas por causa da extração da borracha. Desde então, os Apurinã têm sofrido um forte e prolongado processo de mudanças culturais, vindo a ser confundidos com seringueiros ou ribeirinhos.

Em maio de 1898, o governo republicano criou um decreto de regulação dos serviços de catequese e civilização dos indígenas para assentá-los e convertê-los em agricultores. O assentamento em lotes veio a se intensificar com a criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Em 1910, quando o comércio da borracha no Brasil decaiu devido à competição com a produção asiática, os seringais foram abandonados e os Apurinã voltaram a produzir para a subsistência e a vender produtos naturais, como a castanha.

A partir da década de 1970, a exploração da madeira na região trouxe outros prejuízos, devido à instalação de empresas madeireiras e agropastoris. Desde então, os Apurinã reivindicam a demarcação de suas terras tradicionais.

Pesquise a influência do ciclo da borracha para os povos indígenas da Amazônia. Compartilhe (facebook, twitter, outros).



Organização dos Apurinã

Os Apurinã dividem-se em dois clãs: *Xuapuryneri* e *Mẽẽtymanety*. A linhagem é passada de pai para filho, e o casamento ocorre entre clãs distintos. Para os Apurinã, casar dentro do mesmo grupo é casar entre irmãos. Assim, dois membros do mesmo clã, ao dirigir-se um ao outro, tratam-se por *nytary* “irmão” ou *nytyro* “irmã”.

Outra regra entre os dois clãs é a restrição alimentar. Os *Xuapuryneri* não comem o inhambu-relógio e o inhambu-macucau. Os *Mẽẽtymanety* não comem *caititu*. Além da divisão em clãs, os Apurinã também se subdividem em grupos familiares designados por um animal, tais como jacaré (*Kaikuruwakoru*), japó (*Yõpuruwakoru*), rato (*Kyryakury*), tamanduá-bandeira (*Exuwakury*), papagaio (*Wawakoru*).



TI Kamikuã, comunidade Kamikuã



TI Peneri/Taquakiri, comunidade Nova Vista

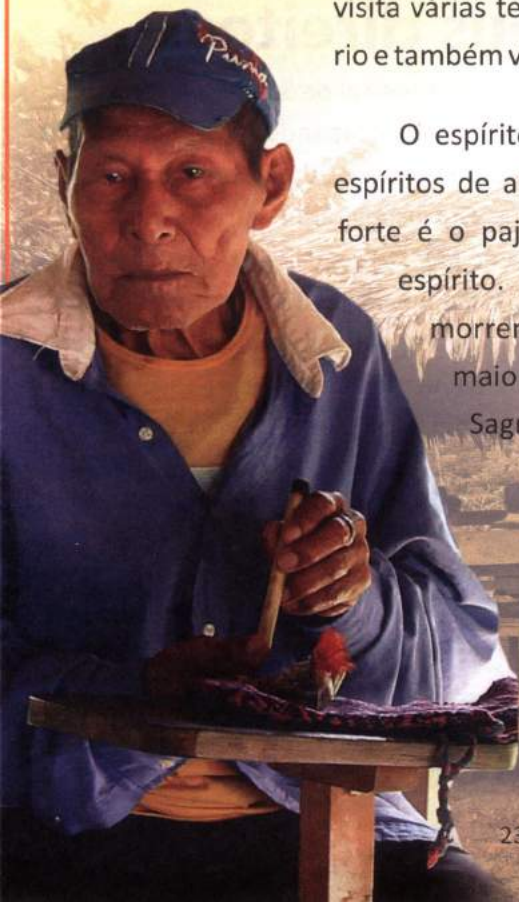
Na organização social dos Apurinã, as mulheres têm um papel muito importante. Suas opiniões sempre são ouvidas e consideradas nos diversos assuntos e decisões da comunidade.

O Pajé

O *mẽête*, pajé, ocupa um lugar central na vida do povo Apurinã. Algumas vezes, é também o cacique. Uma das responsabilidades do pajé é a cura. Seu instrumento simbólico são as pedras. Elas são, ao mesmo tempo, o que permite cura e o que causa doença. No ato da cura, o pajé masca *katsopary*, cheira *awiry* (rapé) e suga no local das doenças e enfermidades. Muitas vezes, mostra a pedra sugada e explica como a pessoa doente a adquiriu e o que deve ser feito para a cura.

Os pajés Apurinã consideram os sonhos importantes. Neles, seu espírito cumpre tarefas e visita várias terras, locais embaixo da terra e do rio e também visita o céu, onde está *Tsurá*.

O espírito do pajé pode dialogar com os espíritos de animais e vice-versa. Quanto mais forte é o pajé, menos limites há para o seu espírito. Alguns dizem que os pajés não morrem, mas se encantam. Em sua maioria, entretanto, vão para a Terra Sagrada.



A Terra Sagrada

O mito da Terra Sagrada é fundamental para explicar a origem do povo. Na cosmologia Apurinã, os ancestrais eram imortais e moravam em uma terra onde nada adoecia, estragava ou morria. Migravam de uma terra de imortalidade para outra. Eles, entretanto, fascinaram-se com os frutos da “terra morredoura”, que se encontravam nas terras sagradas. Resolveram então ali permanecer. Nessa viagem, foram acompanhados pelos *Kaxarari*. Esses teriam se fascinado primeiro com as frutas da “terra morredoura”. Os Apurinã também se encantaram com as frutas e ficaram morando ali; outro povo, chamado *Otsamaneru*, teria seguido viagem.

Os Apurinã e seus direitos

Atualmente, segundo dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena de 2012, existem 8.267 Apurinã. A maioria continua ocupando terras nos estados do Amazonas, Rondônia e Acre. Alguns vivem em cidades próximas das aldeias, como em Rio Branco e Manaus. Outros migraram para regiões mais distantes do país.

Os Apurinã seguem resistindo enquanto povo e continuam lutando e defendendo a terra como seu bem mais sagrado e precioso. Além disso, lutam também por educação e saúde de qualidade.

Essa luta do povo Apurinã é amparada pela Constituição Brasileira, que assegura o direito dos povos indígenas à terra, à cultura, à educação e à saúde diferenciada.

Município de Boca do Acre/AM



COMO TRABALHAR COM O CADERNO E O CARTAZ?

Trabalhar de forma didática e contextualizada com o material da Semana dos Povos Indígenas é um aspecto importante. Por isso as orientações que seguem querem contribuir no preparo das aulas.

O caderno pode ser estudado individualmente ou em grupo. Durante a leitura, crianças e jovens são estimulados a pensar sobre a forma de viver de um povo indígena e a identificar aspectos importantes do povo Apurinã.

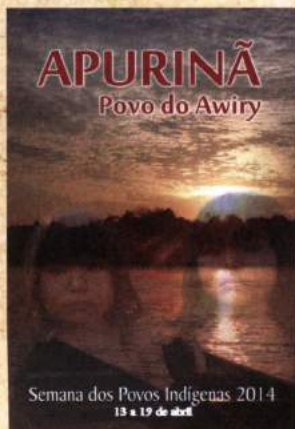
A tarefa da pessoa que orienta os trabalhos será animar e facilitar descobertas, criar condições para que crianças e jovens vivenciem e compartilhem suas experiências e conhecimentos sobre os povos indígenas, sempre relacionando-os com a sua própria história de vida e a de sua comunidade.

Na orientação de um estudo em grupo, é importante:

- a) Preparar o estudo, lendo todo o caderno, mesmo que o encontro seja somente com crianças. No site do COMIN há informações adicionais sobre o tema.
- b) Planejar o encontro. É necessário pensar como serão a abertura, a motivação para introduzir o tema, as atividades a serem realizadas e o encerramento.
- c) Criar um espaço de participação para que crianças e jovens formulem suas perguntas e pesquisem possíveis respostas.
- d) Adaptar as atividades e o próprio texto. O caderno apresenta um povo indígena da Região Amazônica, com suas especificidades culturais. Nesse sentido, é bom proporcionar reflexões para perceber diferenças com os povos indígenas que vivem na sua região.
- e) Buscar informações adicionais ou procurar contato com pessoas ou instituições envolvidas na luta dos povos indígenas. Incentivar a pesquisa científica. Através da internet é possível encontrar informações sobre diferentes povos indígenas do Brasil e do mundo. Há várias pesquisas já realizadas sobre os Apurinã, que podem auxiliar no estudo.
- f) Verificar a possibilidade de visitar uma comunidade indígena que vive em sua região ou trazer um grupo de indígenas para uma conversa com crianças e jovens.
- g) Avaliar com o grupo as atividades e reflexões realizadas para juntos planejar o assunto e o próximo encontro.

Além do caderno, também há o cartaz como recurso pedagógico. Pode-se fazer a interpretação do cartaz, identificando aspectos da cultura Apurinã, ou apontar características relacionadas ou diferenciadas da forma de viver das crianças e jovens. Além disso, pode-se utilizá-lo para introduzir o assunto; para que crianças e jovens representem as cenas mostradas; montar um quebra-cabeça.

O caderno e o cartaz são dois subsídios organizados com a finalidade de contar e trazer informações sobre povos indígenas que vivem em território brasileiro. Assim, é uma oportunidade para refletir sobre a história e a cultura Apurinã.



Para saber **MAIS**



Pesquisa na internet

Caderno para a sala de aula, textos, mitos, fotos, desenhos, histórias e bibliografia:

www.comin.org.br

O CIMI disponibiliza informações e posicionamentos frente à política indigenista do governo:

www.cimi.org.br

O ISA disponibiliza informações e indicações de literatura sobre povos indígenas:

<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/apurina>



Dissertação de Mestrado

Ferreira, Ana Patrícia Chaves. *Léxico da língua Apurinã*: proposta de um dicionário bilíngue – Guajará-Mirim/RO: Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, 2013.



Videos

Artesanato Apurinã do 45 – Uma cadeia produtiva sustentável

<http://www.youtube.com/watch?v=084FfUtUTgk>

<http://www.youtube.com/watch?v=J-L1W27Grmc>

<http://www.youtube.com/watch?v=084FfU...>





	R	E	S	P	E	I	T	O		
				T	U	D	O			
					C	O	N	H	E	C
		A	G	U	A	S				
	L	I	N	G	U	A				
P	E	S	S	O	A	S				

SRNISOSEAFGCQADJSOAR

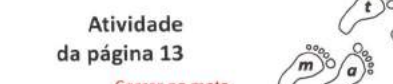
TI Kamikuã, comunidade Kamikuã



uka = **caçar**

Atividade
da página 13

Correr na mata



A trail of footprints, each containing a letter, leads from the text to a table. The letters in the footprints, in order from left to right, are: c, o, r, r, e, r, n, a, m, a, t, a. The last footprint 'a' is positioned directly above the first empty cell of the table.

U
R
U

						M	E	L	A	N	C	I	A
		M		T	U	C	U	M	Ã				
U			I		C	A	Ç	A			M		C
R				L						A		P	A
U					H						N	E	S
C	A					O					D	I	T
U		B	A	N	A	N	A			I		X	A
M			A								O	E	N
				C						C			H
					A					A			A
						X							
							I			F	E	I	J
												Ã	O
				M	A	M	Ã	O					



COMIN



ISAEC - DAI - COMIN

Caixa Postal 14 - Cep: 93001-970

São Leopoldo/RS Fone/Fax: 51. 3590.1440

cominsecretaria@est.edu.br www.comin.org.br



ISBN 978-85-7843-373-4



9 788578 433734